

DOS LOCUTORES AOS ENUNCIADORES: AS FONTES JORNALÍSTICAS NA COBERTURA DO DESASTRE EM MARIANA/MG

ELISE AZAMBUJA SOUZA¹; MÁRCIA FRANZ AMARAL²

¹*Universidade Federal de Santa Maria – elise.as@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Santa Maria – marciafranz.amaral@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As fontes de informação tem um papel indispensável na produção jornalística. A partir de diferentes níveis de acesso e conhecimento, as fontes são o centro de qualquer apuração, principalmente porque “O jornalista raramente está em posição de observar o acontecimento – ele precisa de que alguém que lhe faça um relato o mais correto possível” (SANTOS, 1997, p. 67). As fontes são procuradas pelo jornalista seja com a finalidade de esclarecer informações ou humanizar a narrativa, entretanto, a metáfora de “ir à fonte” passa a equivocada ideia de que estamos diante de um repositório inerte de informações.

As relações entre jornalistas e fontes no processo de apuração e construção das notícias é foco de estudos e publicações desde a década de 70. Desde esse período entende-se que as fontes são interessadas e que estabelecem com jornalistas uma relação de negociação (GANS, 1979). Dessa maneira, os jornalistas precisam “conciliar a colaboração produtiva da fonte e o distanciamento crítico que o trabalho jornalístico supõe” (PINTO, 2000, p. 284). Isso porque, conforme lembra Schmitz (2011) os meios de comunicação, ao distribuírem as informações, assumem responsabilidades públicas e devem prestar contas à sociedade, enquanto as fontes estão comprometidas com o que acreditam.

Isso nos leva a considerar que o jogo de interesses nessa relação entre fontes, que não agem de maneira passiva, e jornalistas, responsáveis por organizar a narrativa e enquadrar o discurso das fontes pode atuar na contramão de um discurso polifônico caro ao ideal de serviço público do jornalismo. Entendemos o jornalismo como construtor social da realidade (TRAQUINA, 2012) que, como tal, deve garantir igual acesso às variadas camadas sociais e representar a diversidade de perspectivas a partir de um mesmo acontecimento, fator que ganha ainda mais importância em casos de grande notoriedade e permeados por disputas sociais.

A partir desse entendimento, o objetivo do presente trabalho, um estudo exploratório relacionado à pesquisa de dissertação em desenvolvimento, é analisar a presença de marcas de polifonia no discurso das fontes utilizadas nas primeiras 24 horas de cobertura do Portal Estado de Minas sobre o desastre ocorrido em Mariana/MG em 5 de novembro de 2015. Considerado a maior catástrofe ambiental do país, o rompimento da barragem de Fundão da empresa Samarco, composta por rejeitos da mineração deixou, entre mortos e desaparecidos, 19 pessoas, e mais de 1,2 mil desabrigados, além de inúmeros danos ambientais.

Para tal análise, nos filiamos à Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987) que diferencia locutores e enunciadores pois entendemos, assim como apontam Leal e Carvalho (2015), que a presença de várias fontes/locutores na construção da narrativa não garante seu caráter polifônico, já que a polifonia não é resultado da presença de vários agentes em um texto, mas da evocação de diferentes vozes sociais que, portanto, trazem consigo diferentes pontos de vista.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho está apoiado teórico-metodologicamente na Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot (1987) elaborada com base no conceito de polifonia proposto por Bakhtin (2010). Para Ducrot (1987) podem existir um ou vários sujeitos de origem para o sentido de um enunciado, sendo assim, o autor diferencia as duas principais personagens enunciativas: o enunciador e o locutor, distinção que interessa às nossas proposições metodológicas. Como locutor o autor define aquele que assume as marcas linguísticas da primeira pessoa e a responsabilidade pelo enunciado. Já os enunciadores referem-se aos seres que se expressam através da enunciação, caracterizando-se como o ponto de vista a partir do qual se orienta o enunciado.

Para a análise exploratória apresentada aqui, foram coletadas todas as matérias publicadas no Portal Estado de Minas nas primeiras 24 horas após o rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco. A escolha do portal em questão justifica-se não só por pertencer a um dos maiores jornais do Estado de Minas Gerais como pela proximidade geográfica, o que possibilitou ao jornal ter a primeira equipe de reportagem a chegar ao local.

A partir da observação do material coletado foi selecionado o recorte de 25 matérias que citam fontes/locutores específicos. Posteriormente, foi empreendido um mapeamento de locutores aparentes nos textos. Com base na observação dos pontos de vista de cada enunciação presente nos textos a partir de citação direta, foi realizado o agrupamento dos locutores em enunciadores afim de perceber os principais pontos de vista acerca das designações e causas do acontecimento e quais locutores filiam-se a eles.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos 25 textos presentes em nosso recorte inicial foi possível mapear a presença de 39 locutores. Em um recorte mais específico, em que consideramos apenas as fontes que aparecem a partir de citação direta, chegamos ao número de 35 locutores, que são, de acordo com classificação elaborada por nós, em sua maioria vítimas (10 locutores), seguido por fontes oficiais (7), vítimas indiretas (5), especialistas (4) e voluntários (4), testemunhas (2) e fontes da empresa (2), e uma fonte sindical.

Observando as designações atribuídas ao acontecimento pelos locutores mapeados percebemos a manifestação de quatro enunciadores. O primeiro enunciador (E1) designa o rompimento da barragem como *acidente*, já o segundo enunciador (E2) o designa como uma *tragédia*. Ambos são os enunciadores predominantes no recorte observado, reunindo um conjunto de três locutores cada um. Um terceiro enunciador (E3) relaciona o rompimento com causas naturais. Dois locutores enunciam a partir do E3, adotando as designações *inundação* e *tsunami de lama*, respectivamente. Observamos ainda um quarto enunciador, no qual filia-se apenas um dos locutores e que utiliza a designação *irresponsabilidade*.

Os enunciadores predominantes acerca das designações evidenciam posições bastante diversas. O E1 que traz a perspectiva da fatalidade, colocando o acontecimento como algo acidental, é composto pelos discursos de fontes oficiais e da empresa. Entre os três locutores que enunciam a partir do E1, estão o então presidente da Samarco, Ricardo Vescovi, um assessor da prefeitura de Mariana e o Coronel do Corpo de Bombeiros. Já o E2 que traz a visão do acontecimento como uma tragédia, o que, por si só, já se afasta de um caráter de casualidade e admite

proporções muito maiores, aparece no discurso também de fontes oficiais, sendo elas o então prefeito de Mariana, Duarte Júnior e o promotor de Justiça Carlos Eduardo Ferreira, além de um voluntário que auxiliou no resgate de vítimas.

Ainda dois enunciadores compõem o cenário levantado nas primeiras 24 horas de cobertura sobre designações. As fontes oficiais aparecem entre as duas que enunciam a partir do E3, visão que coloca o ocorrido em similaridade à eventos naturais, são elas o Governador de Minas Gerais e um representante do Corpo de Bombeiros. Já o E4, perspectiva que atribui a culpa diretamente à empresa, caracterizando o evento como uma *irresponsabilidade* está evidenciada na fala de um dos diretores do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Extração Mineral de Mariana (Metabase), que chamamos, para fins de classificação, de fonte sindical.

Observamos, assim, que em um primeiro momento a necessidade de dar nome ao acontecimento, uma das formas de torná-lo inteligível, parte, em sua maioria, das fontes oficiais. Aparecem também as posições de fontes da empresa e sindicato, por exemplo, que filiados a visões antagônicas designam o ocorrido a partir da perspectiva da responsabilização: enquanto a primeira quer eximir-se da responsabilidade, a segunda quer responsabilizá-la. Percebemos também que nesse eixo em específico não há a participação das vítimas, sejam elas diretas ou indiretas, que de acordo com observações preliminares aparecem com mais frequência enunciando sobre consequências.

Já no segundo eixo de análise, em que observamos os principais enunciados sobre causas do acontecimento visíveis nos textos, percebemos a presença de nove entre os 35 locutores. Estas fontes evidenciaram o aparecimento de 4 enunciadores sobre causas do rompimento da barragem. O primeiro enunciador (E1) foi o predominante nas matérias analisadas, sendo representado por quatro entre as nove fontes que enunciam sobre causas e traz a visão de que os motivos para o rompimento foram problemas internos ao empreendimento, como falta de segurança e fiscalização. Alinhado a esse enunciador, predominantemente, os três especialistas consultados e ainda uma fonte oficial na figura do Promotor de Justiça Carlos Eduardo Ferreira.

O segundo enunciador (E2) aparece no discurso de três fontes e traz a perspectiva de que o empreendimento estava regularizado e não apresentava problemas, portanto, os motivos para o rompimento tendem a ser externos. Nesse enunciador em específico, observamos que, entre as três fontes, duas são representantes da empresa, o então presidente Ricardo Vescovi e o gerente de projetos da Samarco, e a terceira trata-se de uma vítima indireta que estava à procura do marido, que era funcionário da empresa e estava, até então, desaparecido. Podemos afirmar que o aparecimento dessa fonte nesse enunciador em específico rompe com o esperado de acordo com seu lugar de fala, posicionando-se a favor da empresa. Ainda percebemos a presença de um terceiro enunciador (E3) sobre causas do acontecimento, representado pelo discurso de um fonte oficial, o Coronel do Corpo de Bombeiros, e que aponta ainda ser cedo para que sejam atribuídas causas específicas.

Nesse eixo de análise temos, portanto, a presença de um enunciador que não se posiciona diretamente e dois enunciadores predominantes que apresentam-se de forma marcadamente antagônica e que, da mesma forma que a observação levantada no eixo das designações, versam diretamente sobre a responsabilização pelo ocorrido em dois polos de enunciação.

Fazendo uma análise mais específica sobre as matérias analisadas e a articulação das fontes na sua construção, destacamos aqui duas matérias em que

foram levantados enunciadores e locutores sobre causas. A primeira “Barragem que rompeu em Mariana era empreendimento de alto risco” traz uma diversidade de fontes para o seu discurso. Foi observada nesse texto a presença de três locutores (L2; L9; L10). Entretanto todos os três locutores que fazem parte desta matéria correspondem a um único enunciador (E1) trazendo, portanto, um único ponto de vista para o texto em questão. Já em uma segunda matéria, intitulada “Barragem que se rompeu passava por obras, afirma Samarco” traz, em seu conteúdo citações de duas fontes (L11; L30). Novamente os dois locutores em questão enunciam a partir de uma mesmo ponto de vista, dessa vez a partir de E2, evidenciando, também um conteúdo monofônico.

4. CONCLUSÕES

A partir da observação das matérias destacadas é possível afirmar, em concordância com Leal e Carvalho (2015), que a diversidade de fontes na construção de matérias jornalísticas não garante polifonia a estas. Portanto, para que a construção seja de fato polifônica é necessário que o jornalismo esteja atento à este segundo nível de classificação: o dos enunciadores, garantindo assim que as narrativas tragam a diversidade de pontos de vista que se espera do jornalismo em uma sociedade democrática.

Considerando a natureza exploratória deste estudo, apontamos ainda a necessidade de investigar mais detalhadamente a relação dos locutores com os enunciadores em que se filiam e com o contexto social em que emergem os enunciados para que seja possível entender casos em que percebem-se rupturas entre enunciado e lugar de fala. Além disso, podemos confirmar, a partir dos resultados obtidos a necessidade de ampliar o recorte temporal para que essas relações possam ser analisadas a longo prazo e para que seja possível observar a existência de marcas de polifonia nas narrativas do jornal em momentos posteriores, quando já foi possível reunir um maior número de informações, além de ampliar as análises para um terceiro eixo: o das consequências, onde são mais recorrentes as enunciações das vítimas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1987.
- GANS, Herbert J. **Deciding what's News – a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. Nova Iorque: Random House, 1979
- LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Jornalismo e polifonia: problematizações conceituais e metodológicas. In: **ALCEU** - v. 16 - n.31 - p. 155 a 170 - jul./dez. 2015
- PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. In: Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, p. 277-294
- SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Livraria Minerva Editora: Coimbra. 1997
- SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. - Florianópolis: Combook, 2011.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. – Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.